



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA RELEVÂNCIA  
PARA FORMAÇÃO DO FUTURO LEITOR**

TAÍNE CRISTINA MIRANDA COSTA

MACAU-RN

2016

TAÍNE CRISTINA MIRANDA COSTA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA RELEVÂNCIA  
PARA FORMAÇÃO DO FUTURO LEITOR**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do professor Ms. Rodrigo Slama Ribas.

MACAU-RN

2016

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA RELEVÂNCIA  
PARA FORMAÇÃO DO FUTURO LEITOR**

**Por**

**TAÍNE CRISTINA MIRANDA COSTA**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 22 de junho de 2016

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Ms. Rodrigo Slama Ribas  
(Orientador)

---

Prof. Ms. Leonardo Medeiros da Silva  
(Banca examinadora)

---

Prof. Ms. Severino Ramos dos Santos Maia  
(Banca examinadora)

# **Contação de histórias na educação infantil e sua relevância para formação do futuro leitor**

---

<sup>1</sup>Taíne Cristina Miranda Costa - [taine.was@hotmail.com](mailto:taine.was@hotmail.com)

## **Resumo**

A contação de histórias é uma prática muito antiga, usada por nossos ancestrais para transmissão de suas lendas, e vem sendo modificada ao longo dos tempos. A forma como fazemos o uso da contação de histórias hoje possibilita que nossas crianças possam desenvolver a sua imaginação assim como sentir-se estimulado ao habito pela leitura. O presente trabalho aborda o tema *Contação de histórias na educação infantil e sua relevância para formação do futuro leitor* e tem como objetivo analisar várias propostas teóricas que discutem a contação de histórias, os aspectos históricos da literatura infantil, os contos de fada e sua contribuição para o leitor em formação, o professor como mediador da leitura e abordaremos duas propostas de trabalho baseadas em Bettelheim (2002) e Graves e Graves (1994) mostrando como poderia ser reproduzida em sala de aula. Deste modo, este artigo foi desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa, tendo a pesquisa bibliográfica como instrumentos de coleta de dados possibilitando uma revisão teórica, que para isso dialogará com Ariès (1981), Coelho (1991), Sandrone (2011), Bettelheim (1980), Graves e Graves (1994) entre outros. Com base nestes estudos, podemos dizer que a criança necessita de orientação e estímulo para que possa desenvolver o gosto pela leitura, mostrando a literatura infantil como grande aliada, auxiliando a aprendizagem do aluno para que ele possa desenvolver sua imaginação, confiança, criatividade, para que deste modo ele possa se tornar um leitor consciente e crítico. Palavras-chave: Contação de histórias. Literatura infantil. Leitor.

## **Storytelling in early childhood education and its relevance to future training reader**

---

### **Abstract**

The storytelling is a very old practice used by our ancestors to transmit their legends and has been modified over time. The way we use the storytelling today enables our children to develop their imagination as well as feel stimulated to the habit of reading. This present work deals with the theme of *Storytelling in early childhood education and its relevance to the future reader training* and aims to analyze some theoretical proposals that discuss the storytelling, the historical aspects of children's literature, fairy tales and their contribution to the reader in training and the teacher as mediator of reading. We will discuss two proposals based on Bettelheim (2002) and Graves and Graves (1994) showing how it could be reproduced in the classroom. Thus, this

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

article was developed through a qualitative research and having the bibliographical research as data collection instrument enabling a theoretical revision which for it will dialogue with Ariès (1981), Coelho (1991), Sandrone (2011), Bettelheim (1980), Graves and Graves (1994) among others. Based on these studies, we can say that the child needs guidance and encouragement for him to develop a taste for reading, showing the children's literature as a great ally assisting the student learning in order to develop his imagination, confidence, creativity, so that in this way he can become a conscious and critical reader.

Keywords: storytelling, children's literature, reader.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como ponto principal analisar como a contação de histórias na educação infantil poderá contribuir de forma relevante para a formação do futuro leitor, tomando como ponto de partida a discussão de propostas apresentadas pelos teóricos (vide referencial), assim como analisar todo percurso histórico do tema, quando se deu o início da contação de histórias, como ela era feita e que propósitos tinha. Ademais, este trabalho vem ponderar também sobre o papel do professor como mediador da leitura, analisar as propostas de trabalho com a literatura infantil, para isso dialogamos com Ariès (1981), Coelho (1991), Sandrone (2011), Bettelheim (2002), Graves e Graves (1994) entre outros.

A contação de histórias em si existe há vários séculos. As narrações eram feitas ao redor da fogueira para adultos e crianças sem que houvesse distinção entre eles, eram contadas lendas e histórias da cultura popular como afirma Sandrone (2011) e tinham o intuito de entreter as pessoas. As crianças, nesta época, não eram vistas com muita importância, recebiam os primeiros cuidados pela família e logo em seguida eram misturadas aos adultos para que aprendessem com eles técnicas de trabalho. As crianças não aproveitavam as etapas da juventude.

A partir do século XVII, a concepção de criança passou a ter algumas modificações, se antes as famílias não se apegavam a elas, pelo fato da mortalidade infantil ser muito grande, como afirma Ariès (1981), agora despertavam preocupação e cuidados jamais vistos. Desta forma, ela deixa de ser vista como adulto em miniatura e passa a ser uma cidadã de direitos, sendo assegurado, no Brasil, por exemplo, pela lei 8.069 a qual foi instituído o Estatuto da criança e do adolescente (ECA), documento que regulamentava os seus direitos assegurando entre outras coisas saúde, alimentação, educação e lazer.

A literatura infantil a qual conhecemos hoje vem de um grande percurso

histórico. Em sua premissa, a literatura era utilizada como diversão, ou com intuito de entreter as pessoas. Com o passar dos tempos, a mesma foi sendo redescoberta e valorizada como importante fenômeno significativo, como mostra Coelho (1991). Sendo assim, a literatura infantil foi se fortalecendo e criando raízes por todo mundo.

Deste modo começa a ter uma preocupação em se ter uma literatura voltada para crianças. Por conseguinte, as primeiras obras destinadas a elas foram adaptações de textos escritos para adultos. Vários nomes ficaram conhecidos pela escrita de seus textos como Jean de La Fontaine, escritor que tinha como gênero preferido as fábulas, outro grande destaque é Charles Perrout, que lançou contos tradicionais como: cinderela e chapeuzinho vermelho. Por volta do século XIX, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm publicaram um volume de contos que os deixaram conhecido em toda parte do mundo. Já no Brasil alguns destaques foram Monteiro Lobato, Ziraldo, Ana Maria Machado entre outros.

Na educação infantil, a contação de história é feita desde os primeiros níveis de ensino, pois a criança, antes mesmo de se apropriar dos símbolos escritos, já faz a leitura de imagens. Isso é importante porque “ler com os ouvidos e escrever com a boca é mais fundamental que ler com os olhos e escrever com as mãos” (BRITTO, 2005, p. 8). A criança desde cedo pode compreender o que é dito ou visto ao seu redor, desta maneira ela mesmo que ela ainda não saiba decifrar os símbolos, conseguirá ler as imagens, percebendo assim o que elas querem dizer.

Deste modo, a criança pode compreender e desenvolver a sua oralidade, e é a figura do professor que poderá estimular o seu aluno a fazer uma leitura prazerosa, ou a ouvir uma história possibilitando a essa criança entrar no mundo da imaginação e ser despertada no desejo com relação à leitura. É importante que o professor busque conhecer bem seus alunos e propicie momentos de contação de histórias que levem em consideração a idade da criança e objetivos que deseja alcançar com tal atividade. É muito importante que aja um planejamento estabelecido com antecedência, para que desta forma o profissional possa desenvolver uma atividade significativa e que possa alcançar seus objetivos.

A partir destas ponderações, apontaremos neste trabalho de conclusão de curso duas propostas de trabalho com leitura: a) a proposta do autor Bruno Bettelheim (2002), que buscou através da leitura dar significado a vida das crianças, falando que uma boa história permitirá que a criança desenvolva o seu intelecto e suas emoções; e b) a proposta dos autores Michael F. Graves & Bonnie B. Graves

(1994) que falam da experiência de leitura com andaimes apresentando componentes como a pré-leitura, durante a leitura e a pós-leitura, que contribuem para uma melhor compreensão do texto.

A proposta do autor Bruno Bettelheim faz uma análise do conto os três porquinhos, enfatizando o princípio do prazer versus o princípio da realidade, fazendo uma leitura da história e incorporando-a em fatos que acontecem na realidade, permitindo compreender que muitas vezes deixamos nossas obrigações de lado porque levarão tempo e preferimos realizar atividades que proporcionarão prazer, mesmo que depois tenhamos que arcar com as consequências, é o que retrata o conto. A história mostra uma evolução na forma de pensar, pois agora o prazer é deixado um pouco de lado para que o que é verdadeiramente importante seja feito respeitando as exigências da realidade como afirma Bettelheim (1980).

A proposta dos autores Michael F. Graves & Bonnie B. Graves que é a experiência de leitura com andaimes foi desenvolvida baseando-se numa sequência estabelecida por Santos e Freitas (2011), sequência essa que possibilitaria aos alunos evidenciarem a partir dos contos de fadas e de componentes como a pré-leitura, leitura e pós-leitura, onde as crianças responderiam perguntas como: o que conhecem da história? Quais os personagens? Inicialmente, logo após seria feita a leitura do conto e finalizaria com a pós-leitura que seriam questionamentos sobre as considerações ou entendimentos obtidos após a contação de histórias.

Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é compreender a contribuição da contação de histórias e a sua relevância para a formação do futuro leitor, baseando-se nas teorias que serão analisadas. Para tanto faremos um estudo destas teorias investigando se estes métodos realmente poderão influenciar na construção de sua aprendizagem e contribuir para que as crianças possam de fato se transformarem em futuros leitores, formadores de opinião.

## **1 LITERATURA INFANTIL E CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA**

Quando pensamos em criança, nos vem à mente um ser inocente, livre de responsabilidades, que possui um universo próprio, podendo se transformar em quem quiser: um super-herói, um astronauta, um mágico, um ser que viaja no mundo da imaginação. A criança é indefesa e necessita de atenção e cuidado.

A forma como a criança é vista na atualidade é retratada no Referencial

Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998) o qual traz a concepção de criança que foi construída e vem sendo modificada ao longo dos anos.

O Referencial Curricular Nacional (RCNEI) para Educação Infantil é um documento que foi criado visando estabelecer metas que venham a contribuir para o desenvolvimento da educação infantil de qualidade, proporcionando um caminho aos profissionais da educação. O RCNEI (1998, p. 7) pretende

Apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Visa, também, contribuir para que possa realizar, nas instituições, o objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultural.

Desta forma, o Referencial proporciona que se trabalhe conteúdos adequados a cada faixa etária, enriquecendo assim o trabalho pedagógico desenvolvido com as crianças possibilitando ter êxito na sua aprendizagem. Portanto, precisamos ter em mente que a criança, como sujeito social em construção, precisa de atenção especial também quanto às questões pedagógicas e, conseqüentemente, curriculares. Pensar em uma educação voltada para o público infantil requer que delimitemos e tenhamos em mente bem claramente o que é uma criança.

A definição da criança se dá pela forma que ela é vista, dependendo do local que mora, da classe social a que pertence, da cultura existente. Deste modo, o documento é bem claro pois ele mostra que ser criança não é o mesmo que ter infância, o que determina esse fator são as circunstâncias da realidade a qual a criança está inserida. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente:

Art. 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, 1990, p. 11).

Este artigo do Estatuto da Criança e adolescente mostra o que por lei deve ser garantido à criança em sua plenitude. No entanto, como temos observado, em alguns casos, a lei fica só no papel e a criança vive uma realidade totalmente diferente daquilo que lhe é garantida perante a lei.

Não é difícil vermos casos em que a criança é privada de educação de



qualidade, saúde, moradia, segurança, lazer. É uma situação bastante contraditória. Como demonstra (KRAMER, 2000, p. 3), “fala-se em direitos quando menos existem os direitos; fala-se em democracia quanto mais ela nos falta”. Ou seja, num momento em que ainda falamos muito sobre os direitos das crianças e adolescentes é sinal de que ainda há muito o que se fazer.

Na atualidade, percebemos a criança como um ser protegido, cheio de direitos, com produção de roupas, brinquedos e acessórios voltados a esse público, realidade bem diferente se fizermos uma análise no percurso histórico da criança. Ariès (1981) falava que desde cedo a criança se transformava em um jovem adulto, não tinha a oportunidade de passar pelas etapas da juventude, logo cedo, era posta ao convívio com outros adultos que de uma maneira ou outra eram responsáveis em passar valores, conhecimentos necessários para realização das mesmas atividades exercidas por eles.

O sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÈS, 1981, p. 156).

Mesmo sendo criança, não havia diferença entre um e outro, porém, Ariès (1981) fala de um sentimento superficial ao qual ele chamava de **paparicação**<sup>2</sup>. Era um sentimento no qual a família tinha um cuidado a mais nos primeiros anos de vida da criança, e a tratava como se fosse um animal de estimação, e, quando elas morriam, alguns adultos ficavam tristes, porém essa tristeza não demorava muito, pois logo a criança era substituída por outra, e quando conseguia passar pelo período da paparicação, era comum que fosse morar com outra família.

A partir do fim do século XVII, a concepção de criança passa a ter uma modificação considerável. Segundo Ariès (1981, p. 5), isso ocorreu devido a dois acontecimentos diferentes: um era o fato de que “A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação”; o outro era o fato de que “A família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos, algo que ela não era antes”. Deste modo, começou-se a ver as crianças como seres que mereciam atenção de seus pais e necessitavam de educação, não aquela que elas

---

<sup>2</sup> Grifo da autora do trabalho.

aprendiam em meio aos adultos, e sim, um estudo voltado para ela.

A literatura para crianças, segundo Coelho (1991) é uma linguagem que dificilmente se tem uma definição exata, pelo fato de representar muito da experiência humana. A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, “é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (idem 1991, p. 24). Deste modo, podemos compreender a literatura infantil como uma forma de expressar os sentimentos, mostrando que sua diferença se define pelo público a que se destina.

Desde sua origem, por volta do século XVII, que a literatura para crianças é voltada para sua diversão ou distração, porém esta literatura, com o passar dos tempos, foi sendo redescoberta mostrando “a valorização da literatura infantil como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis” (COELHO, 1991, p. 27).

Como os primeiros textos para as crianças foram adaptações de histórias para adultos (idem), os primeiros a se preocuparem, de fato, em escrever para as crianças ganharam, rapidamente, renome. Segundo Sandrone (2011), alguns nomes que ficaram conhecidos pela importância de sua obra são: Jean de La Fontaine e Charles Perrout que retomaram algumas histórias popularizando-as e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm que fizeram naquela época estudos filológicos e antropológicos, e, para isso, tinham que ouvir muitas histórias de seus ancestrais e, a partir daí, resolveram publicar em 1812 o volume chamado “contos para criança e para o lar” com contos baseados naquelas histórias contadas pelo povo daquela época conseguindo fama em toda parte do mundo.

A literatura infantil brasileira teve um longo caminho, passando por muitas mudanças. Segundo Sandrone (2011), o livro Contos da carochinha escrito por Figueiredo Pimentel publicado em 1896, foi o início da produção da literatura para crianças no Brasil. O autor fez traduções de contos clássicos e também acrescentou histórias da cultura de nossa terra, histórias importantes pois traziam lições de moral e de virtudes.

Eis que surge Monteiro Lobato nascido em 1898 em São Paulo um dos mais importantes escritores da literatura brasileira que tem como principais obras O sítio do pica pau amarelo, Reinações de Narizinho entre outras. Outros autores também se dedicaram a fazer histórias para crianças como Ziraldo que lançou O menino maluquinho e Ana Maria Machado que tem como obras intituladas A grande

aventura de Maria fumaça e A velhinha maluque-te, e se destacaram por isso como afirma Gomes (2016).

Como pode-se perceber, há uma relação direta entre a concepção de infância e a produção literária para este público. Para que possamos compreender o papel desta literatura, é preciso, também, saber acerca dos direitos das crianças e sobre a concepção que o nosso Estado e, conseqüentemente, nossa escola têm deste ser.

### 1.1 OS DIREITOS DAS CRIANÇAS NO BRASIL

A criança, em sua totalidade, é um ser puro, um cidadão cheio de direitos, mas nem sempre foi assim. Durante muito tempo, a criança foi vista como um adulto em miniatura, desenvolvendo as mesmas funções de qualquer outro cidadão. De acordo com Ariès (1981), na velha sociedade tradicional a mortalidade infantil era muito grande, desta forma, os pais não se apegavam aos filhos. A infância, portanto, durava apenas o tempo necessário para que a criança pudesse ter um mínimo de força física. A partir deste momento, ela já era colocada para trabalhar junto aos adultos. A criança mal tinha tempo para crescer, aproveitar as etapas da juventude que já tinha a responsabilidade de homem.

Desta forma, a transmissão dos valores e de conhecimentos não era passada às crianças por sua família e, sim, pelos outros adultos aos quais passavam as orientações necessárias para que as crianças desenvolvessem as suas funções como afirma Ariès (1981).

Já Heywood (2004) afirma que a partir dos séculos XV, XVI e XVII que a infância passou a ser reconhecida como merecedora de ter um melhor tratamento, visando os cuidados até que se tornem adultos. Agora ela já era vista como um ser que merecia uma atenção especial como mostra o trecho a seguir:

Trata-se um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor (ARIÈS, 1981, p. 5).

No Brasil de agora, a criança já começava a ser percebida com um olhar

diferente, o cuidado com elas passou a fazer parte do cotidiano. É o termino de uma fase onde a criança era apenas um adulto em miniatura e passou a ser uma cidadã com seus direitos garantidos. No dia 13 de julho de 1990 de acordo com a lei 8.069 foi instituído o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), documento que regulamentava os direitos da criança e também do adolescente. Sendo

Fruto de um extraordinário processo de mobilização social e política, que envolveu representantes do Legislativo, do mundo jurídico e do movimento social, este ordenamento legal adota a chamada Doutrina da Proteção Integral, concepção que é a base da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989 (ECA, 1990, p. 9).

Desta forma, as crianças e adolescentes deixaram de ser vistas como objeto e passaram a ter proteção integral sendo garantida pela constituição federal. Sendo assim o artigo 3º do ECA diz

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (ECA, 1990, p. 11).

Este artigo do ECA, mostra que a criança está protegida e assegurada em todos os momentos, possuindo direito, portanto, à escola, à leitura e à literatura. Direitos assegurados por lei no Brasil. Mesmo assim em muitas ocasiões esses direitos não são respeitados ou cumpridos como se determina.

## 1.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS

A literatura infantil era feita de maneira escrita ou lendária. A lendária se dava pela necessidade que as mães tinham de falar com seus filhos mostrando a eles cenas que existiam a sua volta ou até mesmo costumes daquele povo, sem necessidade de registro em livro.

Como vimos, só no século XVII os primeiros livros foram criados, muitos deles usando um pouco das lendas contadas pelo povo, seus autores contavam as histórias usando muito faz de conta, almejando desta forma encobrir seus sentimentos (CADEMARTORI, 1994 *apud* BASSO, 2016).

A literatura infantil, da forma que conhecemos hoje, nasceu da evolução dos contos de fadas que foram sendo modificados. Se seus textos antes eram moralizantes, agora eram moldados para criança ou para o adulto. E esses contos contribuíam para que as crianças pudessem se colocar em algumas situações e imaginar como fariam para sair delas. Toda criança precisa ser guiada para que possa trilhar seus passos sem tantas inquietações. “Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significados na vida” (BETTELHEIM, 2002, p. 3).

Preocupação essa presente diariamente no nosso cotidiano pois cabe a nós como pais, professores, sabedores das necessidades existentes na sociedade encaminhar a criança a traçar um caminho correto.

A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa (idem, p. 4).

A contação de histórias nos dias hoje é de fundamental importância na formação de nossas crianças, futuros leitores, porque ajudam no processo de ensino aprendizagem, facilita a comunicação, o aperfeiçoamento do vocabulário, traz ensinamentos e informações.

Neste cenário, é preciso, também, se pensar na importância da figura do contador de histórias. Este ser que

é um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio que habita, transformando-se na memória coletiva da sua comunidade e transmitindo, por meio dos contos, lendas e mitos, as raízes culturais do seu povo (BUSATTO, 2006, p. 19).

Esse contador pode ser professor ou outra pessoa com habilidade ou simplesmente a delicadeza de fazer uma leitura ou contar uma história e poder despertar na criança mil e uma vontades e aguçar sua imaginação. De acordo com Abromovish (2001) é de extrema importância que as crianças escutem muitas histórias, pois as mesmas facilitarão em sua formação como futuro leitor e o ajudarão na compreensão do mundo a sua volta. Deste modo

as histórias têm como valor específico o desenvolvimento das ideias, e cada vez que elas são contadas acrescentam às crianças novos conhecimentos. O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o

pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (idem, p. 23).

E esse estímulo desperta na criança a vontade de sempre querer saber mais, ouvir mais. Cavalcante (2007, p. 38), afirma que “não se sai igual de uma história bem contada e bem ouvida”, pois sempre será acrescentado ao ouvinte um ensinamento, questionamento, um interesse em querer sempre mais.

### 1.3 LINGUAGEM ORAL E ESCRITA EM SALA DE AULA

Na sala de aula, a literatura infantil é usada desde os primeiros níveis de ensino, pois antes mesmo da criança se apropriar dos símbolos escritos elas já fazem a leitura das imagens, manuseia os livros na busca por decifrar aquelas ilustrações e, a partir disso, fazem sua própria leitura. De acordo com Arena (2010), a leitura das imagens deve ser incentivada pelo professor, para que, conseqüentemente, as crianças possam desenvolver a criatividade.

Na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a educadora se põe de função de enunciadora ou de escriba) é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos. Ao ler com os ouvidos a criança não apenas se experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado, como vai compreendendo as modulações de voz que se anuncia num texto escrito. Ela aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas (BRITTO, 2005, p. 18).

As crianças desde muito pequenas começam a desenvolver sua oralidade, e é a partir dela que a mesma irá se comunicar, manter uma relação social com os demais, e essa linguagem, ela adquire muito antes de se apropriar dos símbolos, da linguagem escrita. Segundo Coelho (1990), as imagens são de extrema importância no processo de alfabetização e nos mecanismos de leitura das crianças, pois a ilustração facilita que a criança se aproprie da **situação proposta**<sup>3</sup>.

Já é conceito incorporado pela didática moderna, que a linguagem visual dos desenhos, imagens ou ilustrações, associado a linguagem verbal, é das mais eficazes como processo educativo. Não só no sentido de promover o encontro da criança com o imaginário literário (que tanto a seduz), mais também no de seu desenvolvimento psicológico (COELHO, 1990, p. 179-180).

---

<sup>3</sup> Grifo da autora do trabalho.

A partir do que foi posto, é preciso salientar que a criança desde seus primeiros anos de ensino deve ser estimulada a manusear livros, de preferência livros que possuam muitas gravuras para que a seu modo possa fazer a leitura da imagem, leitura de mundo. Coelho (1990, p. 180) afirma que *“Literária ou não, a palavra escrita é, por natureza, simbólica e abstrata”*. Ou seja, para que a criança se aproprie dos símbolos ela deve primeiramente passar por esta fase, onde faz a leitura de mundo através do que vê e do que fala e não do que ainda não pode decodificar, desta forma

se atendermos a exigências de cada fase, a criança passará sem problemas, do interesse espontâneo pela linguagem visual imagética, para o interesse mais profundo pela linguagem verbal escrita (idem, p. 180).

É importante que tenhamos ciência que as crianças se apropriaram da linguagem da palavra escrita de acordo com o seu desenvolvimento natural. A linguagem oral e escrita vem sendo utilizada a muitos e muitos anos. Os próprios contos de fadas pertencem tanto a linguagem oral como a linguagem escrita. As histórias eram contadas oralmente, sem a necessidade de livros; só após o aparecimento da literatura que estes contos que eram contados oralmente também passaram a ter sua versão escrita.

## **2 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA LEITURA**

O papel do professor é fundamental para fazer com que seu aluno sintam-se estimulado a manusear o livro. Através da contação de histórias, o professor consegue prender a atenção da criança seja pela forma que a mesma é contada com a ajuda de fantoches, marionetes, caracterização ou pelo próprio livro. De acordo com Oliveira (2010, p. 46), “em suas mediações, o professor pode usar estratégias para deixar brotar a sensibilidade dos pequenos leitores”. Desta forma, cabe a esse profissional saber estimular o seu aluno a ter uma leitura prazerosa a sentir vontade de folhear um livro, simplesmente olhando as imagens e se deixar entrar no mundo da imaginação.

Oliveira e Spíndola (2008) fazem uma ressalva a respeito do professor. Eles falam que estimular as crianças a manterem uma boa relação com os livros favorecem sobre o conhecimento do valor consistente em cada obra, como também

permitem o desenvolvimento pelo gosto em diversos gêneros literários. Assim, a criança pode fazer sua escolha e não ser obrigada a ler ou escutar o que não gosta, pois

O momento literário deve proporcionar as crianças um contato generoso com o livro. Sempre que for contar, ler, ou assistir, permite que as crianças saiam das carteiras escolares e fiquem à vontade para usufruir da história (OLIVEIRA, 2010, p. 47).

O conforto do ambiente em que a história é contada ajuda a criança a se entregar ao enredo da trama, assim como é de extrema importância que o professor ao mediar uma história busque se movimentar, fazer vozes diferentes, gestos, como afirma Oliveira (2010). Deste modo o professor contador de histórias conseguirá prender a atenção de seus ouvintes.

O contador de histórias deve realizar um processo de busca contínua não somente de repertório, atualizando e conhecendo as versões originais (quando possível), mas também deve exercitar o próprio corpo enquanto instrumento mediador entre o conto e o ouvinte, além de trabalhar a própria imaginação e capacidade criativa (CAVALCANTE, 2007, p. 38).

Geralmente, quando se quer falar de um assunto devemos pesquisar sobre ele para poder ter embasamento com as palavras e termos convicção que o que estamos falando é verídico. Da mesma forma, Oliveira (2010) aponta que para que o trabalho de literatura com as crianças, seja eficaz, o professor ou contador de histórias sempre deve antes de mediar um conto ou poesia, lê-la com antecedência, para poder estar íntimo do assunto. E ainda diz que “uma obra que não emocione deve ser descartada” (OLIVEIRA, 2010, p. 48).

Ao se contar uma história, o mediador possui uma grande responsabilidade, como mostra Cavalcante (2007), que afirma que a tarefa de passar para as outras pessoas a tradução de mundo contidas nas histórias é de extrema relevância pois, o ambiente que é usado para ouvir e contar histórias é tomado por uma magia que serve para unir as pessoas, partilhando dos mesmos sonhos e anseios.

Muitos de nós já contamos alguma história com o auxílio de um livro, ou até mesmo uma história guardada na memória. É claro que, embora se conte, nem todo mundo tem o dom de se fazer compreender ou de chamar a atenção do ouvinte, haja vista que



todos nós somos capazes de narrar e de representar o mundo a partir de uma linguagem, mas nem todos são capazes de estabelecer com a narrativa uma relação amorosa e animada possível de se tornar história e encarnar um sentido de existência maior porque acolhe a vida numa teia complexa que ultrapassa tempo e espaço (idem, p. 37).

Contar a história é um papel que qualquer um pode fazer, mas fazer valer na mente de quem ouve e deixar algum ensinamento é necessário que saiba o que está fazendo, pois, contar história é um elo que se faz entre quem conta e quem ouve estabelecendo um vínculo de proximidade. Guerra (2011) afirma que cabe ao mediador o desejo de despertar a leitura, ajudando o mesmo a compreender a ficção e a realidade, pois “só assim é possível entender que a vida da leitura pertence ao leitor” (GUERRA, 2011, p. 76).

A partir do referencial teórico, apresentamos, abaixo, uma proposta de trabalho com a leitura.

### **3 PROPOSTA DE TRABALHO COM LITERATURA**

Várias são as propostas que surgem sobre como desenvolver um bom trabalho com a literatura infantil, Bettelheim (1980) em sua obra a *Psicanálise dos contos de fadas*, buscou através da literatura dar um significado a vida das crianças, pois sentia-se insatisfeito por grande parte da literatura não conseguir desenvolver a mente e a personalidade da criança, mesmo sendo proposto em boa parte destas obras. Mostrando que

A maioria da chamada “literatura infantil” tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte destes livros são tão superficiais em substância que pouco significados pode-se obter deles (BETTELHEIM, 1980, p. 12).

Deste modo é de extrema importância que esses livros infantis tenham um papel importante na vida destas crianças, que não sejam utilizados apenas como passa tempo e sim que possam passar de fato alguma aprendizagem a essa criança. Para Bettelheim (1980), é complicado avaliar aprendizagens futuras para a criança, pois a mesma apresenta satisfação no que a agrada no momento presente e não no futuro distante, deste modo a criança não se preocupará em ouvir ou ler uma história pensando em um futuro enriquecimento que a história possa trazer.

A criança ao ler ou ouvir uma história espera que a mesma a leve ao mundo

da imaginação que ela possa navegar livremente sobre o texto. Neste sentido Bettelheim (1980) fala que para que uma história chame a atenção da criança, a mesma deve entretê-la despertando sua curiosidade, e para que enriqueça sua vida, deve estimular sua imaginação, desenvolvendo o seu intelecto e suas emoções. Desta maneira, a literatura tem grande participação no desenvolvimento da criança, pois promove na mesma uma aprendizagem significativa.

Sobre esta perspectiva, Bettelheim (1980), aponta que o conto de fadas folclórico é o mais enriquecedor e satisfatório tanto para criança quanto para o adulto. Por mais que tenha sido escrito bem antes da nossa atual sociedade moderna, esses contos trazem problemas dos seres humanos e trazem soluções. Sendo assim, Bettelheim, ainda mostra que ao fazer uso do conto de fadas para uma criança ela poderá mesmo de forma inconsciente ser confrontada com os problemas do cotidiano do ser humano e ser capaz de lidar com estas questões com naturalidade.

Outra proposta bastante significativa é a de Michael F. Graves & Bonnie B. Graves, que fala sobre a experiência de leitura com andaimes, experiência essa que foi desenvolvida a partir das necessidades educacionais observadas na sala de aula e também através de pesquisas. De acordo com (Graves e Graves, 1994) essa proposta apresenta duas fases: a do planejamento e a da implementação. Na fase do planejamento, o professor procura considerar os estudantes, suas necessidades, preocupações assim como selecionar o texto, o tema, e procurar elaborar um propósito para desenvolver a leitura. Sendo assim ele planeja cuidadosamente elaborando os passos a serem seguidos.

Na segunda fase, a de implementação, Graves e Graves (1994) fala que a experiência da leitura com andaimes possui três componentes: a pré-leitura, durante a leitura e a pós-leitura. A pré-leitura refere-se a atividades que oportunizem motivação, ativação dos conhecimentos. Deste modo, o estudante poderá estabelecer uma relação de conhecimento do que será apresentado. Durante leitura é o momento em que o aluno irá ouvir a história e se apropriar dela ou ele fará uma leitura silenciosa que talvez contribua melhor para esta apropriação. A fase da pós-leitura será o momento em que o estudante poderá absorver as informações retiradas do texto como também poderá ser questionado e discutido como aponta (GRAVES; GRAVES, 1994).

Tanto Bruno Bettelheim quanto Michael F. Graves & Bonnie B. Graves

apontam o trabalho com a literatura. O primeiro mostra a importância de se usar os contos de fadas para o desenvolvimento da criança oportunizando a ela a possibilidade de ultrapassar desafios impostos pela própria sociedade, fazendo com que a criança se torne capaz de enfrentar seus próprios medos. O segundo traz um modelo para desenvolver a literatura visando seus elementos do antes, durante e depois. Essas duas formas de se trabalhar a literatura, promove possibilidades para que o professor, ou a própria família possa introduzir nas crianças o gosto pela leitura, tendo paciência e planejamento para que essa criança possa através de estímulos desenvolver o hábito pela leitura sem que haja pressões ou preocupações futuras.

Estas teorias sendo postas de forma errada, não só prejudicarão o objetivo a ser alcançado pelo professor que é de influenciar, incentivar a criança a se tornar um futuro leitor, como também frustrará a criança não conseguindo com ela o que se deseja. Para que ambas propostas sejam satisfatórias é de extrema relevância que o professor tenha todo um cuidado com o planejamento, observando que formas irá utilizar para desenvolver um bom trabalho e conseguir incutir nas crianças não só o gosto pela leitura, mais também promover que essas crianças possam se tornar cidadãos críticos prontos para enfrentar qualquer dificuldade imposta pela sociedade.

Desta forma apresentaremos uma análise de um conto proposto por Bettelheim (1980) onde ele busca através da história dos três porquinhos falar sobre o princípio do prazer versus o princípio da realidade, de que maneira fazer uma escolha está ligada ao que lhe convém ou a que seria correto.

Em sua obra Bettelheim (1980) traz uma análise da história dos três porquinhos pelo fato de a mesma ser uma das preferidas das crianças e transmitir para elas ensinamentos que mostram que a preguiça não dará uma boa contribuição para sua vida, enfatizando que não devemos levar todas as coisas na brincadeira, temos que planejar nossas ações para que possamos colher os frutos no futuro.

Na história, as casas construídas pelos três porquinhos são feitas de palha ou ramos, madeira e uma casa de tijolos sendo assim:

O menor dos porquinhos constrói sua casa com o menor dos cuidados - de palha; o segundo usa paus; ambos dispõem seus abrigos tão rapidamente e sem esforço quanto podem, de modo a poder brincar o resto do dia. Vivendo de acordo com o princípio do prazer, os porquinhos; mais novos buscam gratificação imediata, sem pensar no futuro e nos perigos da

realidade, embora o porquinho do meio mostre algum amadurecimento ao tentar construir uma casa um pouco mais substancial do que o mais novo. Só o terceiro e mais velho dos porquinhos aprendeu a viver de acordo com o princípio da realidade (BETTELHEIM, 1980, p. 53-54).

Para os porquinhos menores o que importa é ter bastante tempo para brincar. Independentes de estarem seguros ou não, o prazer e a diversão para eles está em primeiro lugar. Já o porquinho mais velho planejou a forma de fazer sua moradia de forma segura abrindo mão de brincar, deste modo Bettelheim (1980, p. 54) fala que “ele é capaz de adiar seu desejo de brincar, e de acordo com sua habilidade de prever o que pode acontecer no futuro”. Ele teve uma preocupação em poder se defender caso o lobo pudesse atacar.

Bettelheim (1980) mostra que a figura do lobo representa na história uma referência a todo poder destrutivo que pode ser alimentado por um superego, que por muitas vezes leva as pessoas a tomarem decisões erradas que podem comprometê-las para o resto da vida. O correto é aprender a se defender. A história dos três porquinhos nos passa o desenvolvimento que cada um de nós podemos ter de acordo com as decisões que tomamos. Bettelheim (1980, p. 55) fala em “possibilidades de progresso do princípio do prazer para o princípio da realidade, o que, afinal de contas, não é senão uma modificação do primeiro”. Ou seja, a história nos mostra um desenvolvimento e nos ensina que todas as coisas tem sua hora para acontecer, devemos ter hora para a diversão e também para a responsabilidade.

Na própria história o porquinho mais velho opta por se privar por um tempo da diversão, para construir sua casa de tijolos e mais tarde ele poder ter esse momento com segurança sem a ameaça do lobo. O que de fato ele consegue, diferente dos outros dois porquinhos que acabam por ser devorados pelo lobo como nos mostra Bettelheim (1980). Ainda afirma que o lobo tentou várias vezes atrair o terceiro porquinho para ser devorado, o que não aconteceu, pelo contrário com toda astúcia e inteligência do porquinho quem acaba sendo servido como carne cozida é o lobo que cai em um caldeirão de água fervente.

Sobre a contribuição deste conto de fada para uma criança ou para ser contado em uma sala de aula com o intuito de promover na criança, o pensamento de que se deve ter hora para o prazer e hora para a realidade o autor relata que

A criança, que através da estória foi convidada a identificar-se com um de

seus protagonistas, não só recebe esperança, mas também lhe é dito que através do desenvolvimento de sua inteligência ela pode sair-se vitoriosa mesmo sobre um oponente muito mais forte (BETTELHEIM, 1980, p. 55).

Quando se quer alcançar algo de verdade, o ser humano por muitas vezes tende a se privar de algo com a certeza que futuramente aquele esforço além de lhe proporcionar alguma aprendizagem também lhe trará algum benefício. A figura do lobo para a criança representa a maldade que ela própria possa ter dentro de si, ou a maldade a qual ela poderá ser vítima e a história possibilita que ela possa lidar com essa maldade de forma construtiva como mostra Bettelheim (1980). E ainda afirma que

"Os três porquinhos" dirige o pensamento da criança sobre seu próprio desenvolvimento sem nunca dizer o que deveria ser, permitindo à criança extrair suas próprias conclusões. Este processo sozinho provê um verdadeiro amadurecimento, enquanto dizer para a criança o que fazer apenas substitui a servidão de sua própria imaturidade pelo cativo da servidão aos ditames dos adultos (Idem, 1980, p. 57).

Deste modo, a história proporciona a criança, que ela faça seu próprio entendimento, tirando o que para ela seja mais proveitoso. É de extrema importância procurar saber da criança o que ela pode aprender com tal história fazendo com que ela possa transmitir de sua forma a compreensão que ela obteve. Jamais o adulto deve interferir colocando conceitos já formados por ele para o entendimento da criança, pois desta forma ele estará privando que a mesma possa aprender e se expressar à sua maneira. Sendo assim, esta proposta proporcionará à criança através da leitura de contos de fadas, o desenvolvimento do seu amadurecimento e da iniciativa para buscar a resolução para os variados tipos de problema que a vida poderá oferecer.

Para por em prática a proposta de Bettelheim e a de Michael F. Graves & Bonnie B. Graves, iremos propor uma sequência didática para sala de aula onde os contos de fadas são narrados de acordo com a experiência de leitura com andaimes baseado no artigo Criança e literatura infantil: a relação entre ficção e realidade escrito por Darliane do Nascimento e Alessandra Cardoso. Artigo este que estabelece uma sequência didática voltada à experiência de leitura com andaimes, que como afirma as autoras Santos e Freitas (2011) "a leitura por andaime pode se configurar em perguntas/respostas e pedidos de explicação". Desta forma, o professor poderá propor essa sequência visando que seu aluno tenha uma

participação ativa nas aulas com leitura.

Para o desenvolvimento experimental seguiremos os seguintes procedimentos: selecionaremos a história a ser lida por exemplo: o conto Capuchinho Vermelho (GRIMM), e essa história poderá ser contada com o uso de fantoches, dramatização ou o próprio livro; elaboraremos algumas perguntas (entrevista) para complementar a atividade e a sequência didática. Em seguida, começamos a trabalhar a sequência estabelecida na experiência por andaime, que se constituiu em três procedimentos: primeiro faremos a pré-leitura a partir de questionamentos como: Vocês conhecem algum conto de fadas? Alguém já ouviu falar da história de Chapeuzinho Vermelho? Fala de quê? Quantos personagens têm? De todos esses personagens, qual vocês acham que é o personagem mau? E quem vocês acham que é o personagem bom, que salva? Por que ele é o personagem bom? Vocês acham que chapeuzinho foi obediente a mãe dela? Agora, se a mãe de vocês mandasse vocês irem deixar doces na casa da vovó, vocês iriam desobedecer às suas mães?

Assim poderemos ter uma visão geral do conhecimento das crianças naquele momento, e o que elas já tinham de concreto a respeito do referido conto. Posteriormente, executaremos o procedimento da leitura, na qual será narrada com o auxílio de fantoches. Na pós-leitura realizaremos alguns questionamentos para a turma como: Vocês sabem onde se passou a história de Capuchinho Vermelho? Por quê? Vocês acham que Capuchinho vermelho existe? E o lobo mau, existe? O que é que o lobo come realmente? Quem seria nos dias de hoje, o lobo mau? Se você tivesse que ir à casa da vovó, o que você faria, iria por outro caminho? Se no caminho você sentisse fome, comeria os doces da vovó? E se encontrasse uma pessoa carente, você daria os doces a ela? O que Capuchinho Vermelho deveria ter feito quando a mamãe dela mandou ela ir entregar os doces?

Feito esses questionamentos, pegaremos algumas crianças para serem entrevistadas individualmente, e daí poder ter noção de suas respostas, como elas podem representar ações do imaginário na vida real. Desta maneira, poderemos ver se as crianças tem noção de que o conto é imaginário, e também poderiam transportar para realidade ações que fariam se estivessem presente na história, ou se de fato acontecem, fazendo uma relação entre ficção e realidade. Sendo assim, poderemos confirmar se através da literatura as crianças podem ser incentivadas a ter o hábito e conseqüentemente o gosto pela leitura, ajudando em seu

desenvolvimento social e, permitindo, que elas possam distinguir entre o que é realidade e ficção.

A experiência faz com que a criança seja estimulada a procurar resolver as situações problemas por elas mesmas. Os contos de fadas ajudam as crianças a terem mais coragem nas dificuldades vivenciadas e perceberem o que é real e o que é imaginário, como afirma Santos e Freitas (2011). Deste modo os contos de fadas possibilitam que o professor possa tanto estimular os alunos ao gosto pela leitura quanto possibilitam ao mesmo enfrentar situações do cotidiano.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos afirmar através de tudo que foi exposto, que a contação de histórias na educação infantil é de extrema importância para a formação do futuro leitor. Deste modo, as histórias devem ser colocadas para a criança logo nos seus primeiros anos de vida, primeiramente será feito um trabalho que venha a desenvolver a sua oralidade e, posteriormente a sua escrita, pois antes mesmo de a criança começar a fazer a leitura das palavras ou signos ela já é capaz de fazer a leitura de mundo.

A literatura está inserida na sociedade há muitos séculos evidenciando os seus aspectos históricos diversificados, dando sua contribuição no desenvolvimento do indivíduo. Durante muito tempo, a criança foi tratada como um adulto em miniatura exercendo as mesmas funções que cabia a ele. Nessa época, as histórias ou lendas eram contadas ao redor da fogueira para adultos e crianças, pois não havia distinção entre elas. Essa realidade foi mudando gradativamente. A criança passou a ser um cidadão cheio de direitos, e ao pensar nesse novo público a literatura infantil surge adaptando muitos dos contos antigos para as crianças.

O livro de literatura infantil, em especial os contos de fadas, é um grande aliado no fazer pedagógico do professor, pois ele é um incentivador da aprendizagem sendo capaz de tornar a leitura do aluno mais rica e prazerosa, podendo explorar a imaginação da criança e não sendo usado apenas como passa tempo ou distração em sala de aula. Ele é um recurso que proporciona uma rica aprendizagem para o aluno.

Desta forma, cabe ao professor como principal mediador do conhecimento, proporcionar momentos de uso da literatura infantil na sala de aula, planejando

formas diferentes de se trabalhar a literatura e a contação de histórias, utilizando o próprio livro ou fantoches, dramatização da história, cantinho da leitura, vários suportes que ajudarão o professor a fazer um trabalho de forma significativa.

Cabe a ele planejar métodos que promovam de forma prazerosa o gosto pela leitura, organizando-se e conhecendo profundamente a história antes de contá-la, para que desta forma ele consiga adequar o que é possível trabalhar de acordo com a idade das crianças. É muito importante que na hora da contação, as crianças fiquem à vontade, relaxadas para que possam dar uma atenção especial a esse momento.

O uso do livro de literatura infantil desperta na criança o prazer em aprender. De acordo com Oliveira (2010, p. 46), “em suas mediações, o professor pode usar estratégias para deixar brotar a sensibilidade dos pequenos leitores”. Deste modo, ele é o principal condutor das crianças em adquirir o gosto pela leitura pois ele é quem faz esse intermédio entre criança e arte, e sua contribuição deixará fluir a imaginação da criança assim como aflorar suas dúvidas e pensamentos.

A contação de histórias possibilita ao leitor a oportunidade de ampliar sua experiência de vida, promovendo na criança a superação de seus desafios, sempre contando com apoio necessário para isso. O papel do professor é essencial pois ele passará de forma sistematizada e planejada, as orientações adequadas para que o aluno tenha êxito em seu propósito, levando o mesmo a se tornar um futuro leitor crítico, criativo e consciente de suas responsabilidades perante a sociedade. E contribuirá também para que professor e aluno possam ter momentos de interação que sejam significativos para a rotina da sala de aula.

As propostas didáticas A e B, respectivamente apresentada por Bettelheim (1980) e Graves e Graves (1994) mostrou como uma proposta bem elaborada, poderá proporcionar nas crianças um ensinamento inigualável. A história dos três porquinhos analisada por Bettelheim fala sobre o princípio do prazer versus o princípio da realidade, mostrando que por muitas vezes procuramos fazer o que nos convém, mesmo não estando agindo da forma que deveríamos, é como deixar que a emoção domine a razão.

Já a experiência da leitura com andaimes proposta por Graves e Graves (1994) baseada na sequência estabelecida por Santos e Freitas (2011) onde utilizamos a pré-leitura, leitura e pós-leitura, para contar histórias, possibilitou apresentar uma proposta didática a qual visa estabelecer na criança a possibilidade



de desenvolver a sua criatividade, seu imaginário, proporcionando a ela saber o que é real e o que é ficção.

Este artigo, é uma análise das propostas trazidas pelos teóricos, sobre as formas de desenvolver a leitura e a contação de histórias em sala de aula e conseqüentemente incentivar as crianças a se tornarem futuros leitores. É claro que este tema não está fechado, pois ainda há muito para ser discutido e posteriormente ser colocado em prática, comparando se teoria e prática realmente poderão trazer uma grande relevância na formação de futuros leitores.

A contação de histórias na Educação Infantil é um instrumento valioso para ser utilizado em sala de aula, pois ele proporciona ao professor a oportunidade de em uma simples rotina desenvolvida na prática diária de estimular no seu aluno a criatividade, a imaginação, a atenção, a participação ativa da criança em tudo que o professor propõe contribuindo de diversas formas no desenvolvimento da aprendizagem, sempre priorizando seu bem-estar.

O desenvolvimento deste artigo proporcionou, um estudo profundo de várias teorias que foram contempladas ao longo desta graduação, teorias que possibilitaram um enriquecimento de saberes, nos fazendo refletir sobre o importante papel do educador, assim como sua disposição de conhecimentos e habilidades, contribuindo para o alcance do sucesso de seus pequenos leitores.

Por fim, este trabalho possuiu uma grande relevância para nossa formação como futuros pedagogos, pois possibilitou investigar como a contação de histórias pode influenciar na formação do pequeno e futuro leitor, oportunizando um leque de aprendizagens que poderão ser evidenciadas nesta prática, tendo em vista que esse tema possui várias possibilidades a serem investigadas. E futuramente poderá ser utilizado em uma pós-graduação levando em conta que tanto a proposta citada anteriormente, quanto uma nova proposta de trabalho com a contação de histórias poderá ser posta em prática baseada nas contribuições deixadas pelos teóricos e também com a contribuição de novos estudos.

## REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
2. ARENA, D. **A literatura infantil como produção cultural e como instrumento**

- de iniciação da criança no mundo da cultura escrita.** São Paulo: Cortez, 2010.
3. ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.
4. BASSO, Cíntia Maria. **A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos.** Disponível em: [http://coral.ufsm.br/lec/02\\_01/CintiaLC6.htm](http://coral.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm). Acesso em: 12 abr. 2016.
5. BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** São Paulo: Paz e Terra, 1980.
6. BRASIL. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Lex: Estatuto da Criança e do Adolescente.* Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)>. Acesso em 20 mar. 2010.
7. \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 3V: V.1.
8. BRITTO, Luís Percival L. letramento e alfabetização: implicações para educação infantil. In: FARIA, A. L. G. de; MELLO S. A. (Org.). **O mundo da Escrita no universo da pequena infância.** São Paulo: Autores Associados, 2005.
9. BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar** - pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.
10. CAVALCANTE, Joana. **Malas que contam histórias.** Lisboa: Paulus, 2007.
11. COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria-análise-didática.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.
12. GRAVES, M. F.; GRAVES, B. B. The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text. In: **Reading.** April.1995. (Tradução de Marly Amarilha, para estudo exclusivo do grupo de pesquisa Ensino e Linguagem/ Programa de Pós-graduação em Educação - UFRN). Revisado em: 08/03/2012.
13. GRIMM, W; GRIMM. **Capuchinho Vermelho.** Disponível em: <http://www.grimmstories.com>. Acesso em: 17 maio 2016.
14. HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
15. KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos: linguagem oral e linguagem escrita.** São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <http://escreverbem.com.br/linguagem-oral-e-linguagem-escrita/>. Acesso em: 24 mar. 2015.
16. OLIVEIRA, Ana Arlidade; SPÍNDOLA, Arilma Maria de A. **Linguagens na**

**educação infantil III** - literatura infantil. NEAD. Cuiabá-MT: Editora UFMT, 2008.

17. PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura:** ensino fundamental. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2010. 204 p. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

18. ROSA, Cláudia Santa (Org.). **A leitura literária na escola pública potiguar.** Natal, RN: Vários autores.

19. SANTOS, Daliane Nascimento dos, FREITAS, Alessandra Cardoso de. Criança e Literatura Infantil: a relação entre ficção e realidade. *In:* RODRIGUES, Lílian de Oliveira, SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa, et al. (Orgs.). **Interações Pedagógicas:** Reflexões sobre experiências educativas. Mossoró Edições: UERN, 2011.

20. SILVA, Vanderléia Ferreira da. **Estatuto da criança e do adolescente.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/direito/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente/>. Acesso em: 25 mar. 2016.